

# GENERAL BERTHOLDO KLINGER

(ESPECIAL PARA O "CORREIO DO POVO")

PANTALEÃO DA SILVA PESSOA

Descendente dos Klinger e Ritter da cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, Bertholdo Klinger nasceu no dia 1.º de janeiro de 1883. No Rio Grande iniciou seus estudos de preparatórios e em 1899 ingressou na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, onde, desde logo, chamou a atenção de seus colegas pela vocação que demonstrava para a carreira das armas e pela firmeza do seu caráter. Durante os cursos confirmou aquêles conceitos. Principiou pela conquista do prêmio de um espadim, recebido em Rio Pardo em 1901, o qual, depois de dourado, se tornou sua espada de general. Deixando as escolas por determinação dos cursos, fez ligeira prática em trabalhos de engenharia militar e, ao ser incluído na arma de artilharia, correu para a tropa, onde provou suas qualidades de soldado, enriquecidas pela capacidade de fazer-se estimado e respeitado, pelos seus subordinados, nos quais despertava natural obediência, gosto pela instrução e apreciável sentimento de responsabilidade. Fêz-se ótimo instrutor.

Logo depois da organização do Exército de 1908, como consequência da compra de armamento inspirada pelo Barão do Rio Branco, Klinger foi um dos escolhidos para aperfeiçoar seus conhecimentos profissionais no Exército Alemão. A julgar pelos trabalhos publicados, pela intensa contribuição dada à instrução da nossa tropa, após seu regresso da Europa e, também, pelo incansável esforço que desenvolveu para difundir o que aprendera, pode-se afirmar que nenhum de seus colegas de comissão pôde igualá-lo e menos excedê-lo no rendimento da capacidade adquirida durante os trabalhos práticos realizados na Alemanha. Foi o único brasileiro que participou de viagem de Estado-Maior nesse país, trazendo nota oficial da magnífica impressão causada. Voltou da Europa melhor soldado, melhor instrutor e mais patriota, sentindo a necessidade imediata de lutar pela preparação da nossa segurança nacional. Como perfeito conhecedor do idioma alemão, tocou-lhe parte obrigatória na tradução e adaptação dos regulamentos para o emprêgo do material adquirido. Ao mesmo tempo, direta ou indiretamente, com as cartas de Kriepenkerl, tornou-se o melhor instrutor da tá-

tica da sua época. Sem o desejar, recebeu a chefia tácita dos partidários da dedicação profissional, iluminada pela chama de um nacionalismo realista — os então chamados “jovens turcos”, por analogia, ocasional com a reação da mocidade militar turca. Como órgão dessa corrente fundou, com outros colegas, a revista “A Defesa Nacional”, registro bem eloquente do valor e entusiasmo da falange heróica que compreendeu e animou a renovação profissional do Exército.

Klinger teve como características da sua vida a probidade e a perseverança. No Exército, essas qualidades se associaram à modéstia, à vocação e à cultura profissional. Como Capitão, foi adido militar no Peru, donde saiu para outra missão especial no México.

Em ambos esses países adquiriu amigos e admiradores, como provam as demonstrações oficiais e particulares recebidas. Seus postos de oficial superior transcorreram em forte ritmo de trabalho. Como Major, em Mato Grosso, foi chefe de Estado-Maior de um Destacamento constituído para combater a “Coluna Prestes”. Pela precisão e acerto de suas providências, foi elevado ao comando de um Destacamento e, depois de outro, já nos Estados Minas e Goiás. Em todos se desempenhou com sabedoria e critério do chefe valoroso, respondendo às guerrilhas com inteligente adaptação de preceitos regulamentares. Preteriu a burocracia e usou pequenos destacamentos com a maior modalidade possível. Apesar de seus invariáveis êxitos, a política, que se considera em competição com os tenentes revoltosos e exercia suas atividades longe do terreno das operações, transformou sua ação valorosa e correta em caso de indisciplina e, por seus relevantes serviços, fê-lo colhêr uma preterição. Como Tenente-Coronel e Coronel teve alguns desentendimentos com seus chefes hierárquicos, nunca por indisciplina própria; sofreu pela observância dos princípios de igualdade na aplicação dos regulamentos e por não aceitar transigências sem grandes razões morais.

No meio dessa luta, recebeu a revolução de 1930 como uma salvação e, pela grande esperança que nela depositou, combatia tudo que a desvirtuasse. Como Chefe de Estado-Maior da Inspetoria do 1.º Grupo de Regiões, a cargo do General João de Deus Menna Barreto, elaborou o esquema e ordens para o movimento de 24 de outubro, inspirado, articulado e chefiado pelo referido General. Tomou parte ativa na execução desse movimento e acabou precisando assumir, provisoriamente, a Chefatura de Polícia do Distrito Federal. Conhecido como homem de vontade e decisão, foi recebido com cautelas que não chegaram a retardar suas determinações. Verdade é que a Polícia, nos dias que se seguiram à deposição do Presidente Washington Luiz, teve um servidor consciente das suas responsabilidades, diligente e justo: dêle só podiam desconfiar os que desconheciam seu grande coração, que abominava a prepotência e se man-

tinha pronto para combatê-la. Depois de organizado o Governo Provisório, foi promovido a General-de-Brigada e nomeado para comandar a Região de Mato Grosso.

Nesse cargo, como nos anteriormente exercidos, logo se impôs à confiança e admiração dos seus subordinados, assim como ao respeito dos seus concidadãos. A substituição do General Leite de Castro no Ministério da Guerra tomou-o de surpresa e levou-o a protestar contra a solução dada. Encaminhou o seu ofício de protesto diretamente ao Ministro Substituto, por intermédio de portador especial. Em ambiente despidido de prevenção, o fato poderia ser resolvido em ambiente reservado, sem precipitações, tomando-se em conta a situação política então vigente. Klinger considerou a escolha do Ministro Espírito Santo Cardoso como larvadamente tenentista; achava que o caso devia ter solução mais técnica e adequada aos interesses do Exército. Assim procedendo, não pensou atacar a pessoa do General Espírito Santo, um bom e simpático chefe da cavalaria, afastado havia nove anos da atividade, por motivo de saúde. A escolha era, de fato, exageradamente política e trazia à tona um processo que Klinger, no seu otimismo, supunha abolido pela revolução.

Pouco antes desse acontecimento, um caso de franca indisciplina de um Tenente revolucionário encontrara indulgência sem precedentes. Era evidente que, tratando-se de um prestigioso comandante de Região, houve aproveitamento da oportunidade para eliminar um chefe militar incômodo por impugnar a inversão da hierarquia. Assim, os Tenentes quiseram e obtiveram a reforma administrativa de Bertholdo Klinger sem considerar as razões técnicas da sua atitude, sem respeitar o seu grande e invejável passado militar, indiferentes ao afastamento de um General que orgulharia qualquer Exército do mundo.

Os partidários da revolução constitucionalista acabavam de somar mais um argumento para a causa, enquanto o General Klinger era levado ao desfileiro que se orientava para o 9 de julho.

Os desentendimentos de Klinger com o General Góes Monteiro tiveram origem, unicamente, em sonhos de progresso para a segurança nacional, incompreensíveis diante da avassaladora politicagem brasileira. A circunstância de ser o General Góes um chefe militar de grande inteligência e cultura profissional, colocado em posição de indiscutido prestígio político, com autoridade para reformar e disciplinar o Exército — o não fazê-lo constituía para Klinger um crime abominável. Para provar a isenção e o arrebatamento com que Klinger argumentava, lembro que ele propôs Góes para substituir Leite de Castro e indicou Espírito Santo para Prefeito do Distrito Federal, dizendo que este daria um bom Governador para o Rio.

Deflagrado o movimento constitucionalista, respondendo à pergunta que me foi feita por um repórter, no Quartel-General de Rezende, declarei: "Os paulistas têm o melhor comandante que era possível ter". Creio que bem diferente seria a sorte do Governo provisório, se Klinger tivesse assumido o comando na primeira hora da revolução.

Passadas as paixões, o Congresso Nacional, com o parecer e voto de Góes Monteiro, elevou Klinger ao posto de General-de-Divisão, na época, o mais alto do Exército. Pela idade, o Brasil já tinha perdido, por motivos políticos de caráter subalterno, a colaboração de um servidor excepcional...

É certo que Klinger nunca esteve inativo. O interesse nacional sempre viveu com ele em seus aspectos capitais. Para só citar um dos trabalhos, lembro que quando começaram a ensaiar modificações na nossa antiga ortografia usual, Klinger resolveu dar ao problema um pouco de espírito lógico e matemático. Depois de estudos profundos, que só foram analisados superficialmente, apresentou seu projeto de Ortografia Simplificada, trabalho que o futuro acolherá, exaltando o acerto e benemerência dos seus esforços e o alto critério que o presidiu. A base lógica da sua ortografia consiste em que: "no ortoalfabeto não há letra muda nem polivalente; cada letra — e só ela — representa um fonema — e só ele". Os críticos limitaram-se a ironizar algumas modificações, sem estudar suas causas e sem aceitar o diálogo que ele lhes ofereceu.

Não sei se o Exército já prestou ao General Bertholdo Klinger as homenagens do reconhecimento que lhe deve. Sei, porém, que ele foi um dos melhores soldados do seu tempo, foi um gigante votado à abertura dos caminhos que estão levando a Defesa Nacional para os rumos que hoje orgulham e tranquilizam o Brasil.

("Correio do Povo", Terça-feira, 25 de março de 1969.)